



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

GEOGRAFIA EM CENAS E CENÁRIOS:

O TEATRO COMO PROMOTOR DO ENSINO E APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA

Maria Aurislane Carneiro da Silva, aurislanemcsilva@gmail.com
Universidade Federal do Ceará-UFC

GEOGRAPHY IN SCENES AND SCENARIOS:

THE THEATER AS A PROMOTER OF TEACHING AND LEARNING IN GEOGRAPHY

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo o teatro como aplicativo didático na construção do ensino e aprendizagem em Geografia a partir experiência de Estágio supervisionado em Geografia III realizado no segundo semestre de 2017, com aos alunos do 9º ano do ensino fundamental II da escola Patronato Sagrada Família, Fortaleza-CE. O estágio como pesquisa se ateu a investigar o espaço escolar como um todo, bem como o ensino de geografia presente nele, tendo o teatro como principal instrumento para a aproximação entre professor(a)-aluno(a)-conteúdo-realidade. Dessa forma, a realização deste aplicativo se configurou como resultado de uma sequência de aulas relacionadas ao tema “África: marcas do passado, desafios do presente”, pautada nas discussões dos diversos aspectos do continente africano com ênfase nas suas relações com o Brasil, devido a necessidade de desmistificar o pensamento eurocêntrico. As apresentações trouxeram a discussão temas como: escravidão, racismo e valorização cultural, promovendo reflexões críticas sobre a construção da sociedade passada e atual e fazendo do Teatro o caminho para aprendizagem em Geografia no qual a professora é promotora e mediadora nesse processo.

Palavras-chave: Estágio. Geografia. Teatro.

ABSTRACT

The present work aims to present the theater as a didactic application in the construction of teaching and learning in Geography from an experience of supervised Stage in Geography III held in the second half of 2017. Together with the students of the 9th year of elementary school II of the Patronato Sagrada Família School, Fortaleza-CE, the research stage was devoted to investigating the school space as a whole, as well as the teaching of geography present in it, with theater as the main instrument for the approximation of teacher-student- content-reality. In this way, the realization of this application was configured as a result of a series of lessons related to the theme



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

"Africa: marks of the past, challenges of the present", lessons, based on the discussions of the various aspects of the African continent with emphasis on its relations with the Brazil, due to the need to demystify Eurocentric thinking. The presentations brought to the discussion subjects such as: slavery, racism and cultural valorization, promoting critical reflections on the construction of past and present society and making Theater the path to learning in Geography in which the teacher is a promoter and mediator in this process.

Keywords: Stage. Geography. Teatro.

INTRODUÇÃO

O Estágio pode ser constituído apenas como a fase em que o docente aplica a teoria na prática. Porém, compreender esse momento como pesquisa significa assumir a importância deste na formação do futuro professor. Dessa forma, conceber a pesquisa como principal instrumento da práxis na produção de um professor pesquisador crítico e reflexivo (PIMENTA E LIMA, 2009), é qualificar o estágio além da observação e da crítica vazia, e assim, proporcionar ao licenciando a oportunidade de modificar o seu *locus* de pesquisa, o espaço escolar e o ensino presente nele.

Para Demo (2003), essa pesquisa deve ir além dos momentos formais restritos a atividades acadêmicas ou realizadas em momentos especiais pela própria escola, e necessita ser internalizada como atitude cotidiana de alunos e professores. Desse modo, a escola e a sala de aula deve ser compreendida como um espaço de pesquisa, onde alunos e professores possam, enquanto pesquisadores, trabalhar em equipe em prol da construção do conhecimento.

Mas para que isso ocorra o estágio não pode ser encarado como uma tarefa burocrática a ser cumprida formalmente, muitas vezes desvalorizado nas escolas onde os estagiários buscam espaço, mas deve sim, assumir a sua função prática através da sua dimensão mais dinâmica produtora de troca de possibilidades de abertura para mudanças (KULCSAR, 1994). Dessa forma, Ghedin (2004) enfatiza que o estágio deve preparar para o trabalho docente coletivo, tendo em vista que o ensino não é um assunto individual do professor, mas também tarefa escolar das práticas institucionais situadas em contexto social, histórico e cultural.

Com base nessa perspectiva, o Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III, disciplina que compõe o currículo de licenciatura em Geografia, pela Universidade Federal do Ceará- UFC, se realizou em 2017.1 na escola de E.E.F.M Patronato Sagrada Família, situada na



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

Rua Martins Neto do bairro Antônio Bezerra, Fortaleza-CE. Essa escola já foi *locus* de pesquisa durante o Estágio Curricular Supervisionado em Geografia I realizado em 2016.2, onde o espaço escolar como um todo foi investigado a partir das observações dos rituais escolares bem como o cotidiano da sala de aula.

No entanto, diferentemente do primeiro, o presente estágio ultrapassou a observação e reflexão crítica do espaço escolar necessária a formação docente e se configurou em um momento de intervenção e contribuição direta no processo de ensino e aprendizagem em Geografia desta escola, em função da realização de regências. Desse modo, ao longo dos meses de agosto, setembro, outubro e novembro, foram acompanhadas as turmas do 9º ano “A”, “B” e “C” do ensino fundamental II presente nesta escola, semanalmente às terças e quintas-feiras, sendo a vivência no espaço escolar dividida em momentos de observação, participação e regência.

A regência é um dos momentos de maior relevância no estágio III, visto que é neste que o (a) estagiário (a) se encontra com a prática na sua forma mais real, e nela se pode com base nas teorias, observações e participações aprendidas e realizadas anteriormente, promover um momento de significados e acontecimentos sociais e culturais que envolvem a participação de diferentes sujeitos que constroem coletivamente um novo saber ao qual Passini (2007) chama de aula.

Desse modo, ao perceber a aula como um momento de troca de conhecimentos entre professor e aluno, propor a realização de um aplicativo didático que facilite o ensino e aprendizagem em Geografia das turmas acompanhadas, se torna uma prática essencial para o processo de formação do (a) estagiário (a), pois vivenciar e pesquisar o espaço escolar, bem como o ensino de Geografia dentro dele, significa lidar com suas adversidades, mas também conduzir estratégias de aproximação entre professor- aluno-conteúdo-realidade.

Nesse sentido, o teatro se apresentou como um aplicativo didático que tem em sua composição a subjetividade presente na relação entre realidade e imaginação, pois embora conte com fatos do real para caracterizar suas histórias, ou para passar determinada mensagem crítica, ainda assim possui seu lado fantasioso, por ser uma arte, por promover o entretenimento e despertar emoções dos mais diversos públicos. Dessa forma, trabalhar com o teatro no ensino de Geografia neste estágio representou a oportunidade de promover junto aos alunos das turmas acompanhadas momentos de incentivo a reflexão, criticidade, criatividade e produção de conhecimento geográfico.

Compreendendo, portanto, a potencialidade que o teatro dispõe para o ensino e em especial para o ensino de Geografia, o presente trabalho mostrará os resultado da pesquisa



realizadas nesse período de estágio, e com isso demonstrará a contribuição efetiva do Teatro para a aprendizagem em Geografia, bem como as dificuldades presentes em sua prática.

O ESTÁGIO COMO PESQUISA: A GEOGRAFIA DESVENDANDO A TEATRALIDADE DA ESCOLA

Durante muitas décadas, o Estágio foi concebido no meio acadêmico como “a hora da prática”, onde de acordo com Pimenta e Lima (2009) a sala de aula se compreende em um espaço de aplicação de técnicas de aprendizagem e imitação das práticas que os professores em atuação estabelecem para promover o ensino. Nessa perspectiva, a escola se torna um local estático na qual independentemente do tempo, espaço e contexto social inserido, se organiza e se estabelece da mesma forma. Essa visão é criada a partir do modelo 2+1 dos cursos de licenciatura, onde os alunos passavam dois anos estudando a disciplina específica de sua futura atuação e apenas no último ano do curso as discussões voltadas à didática são realizadas, fragmentando a relação entre teoria e prática. Esta, por sua vez, fez com que os estagiários construíssem em suas concepções um modelo único de escola e de educação, e por consequência destilassem críticas sobre as escolas que visitavam sem nenhuma proposta ou solução para os problemas aparentes, estabelecendo o que Pimenta e Lima (2009) classificam como “crítica vazia”.

Diante das dificuldades na formação docente, tendo o estágio conduzido apenas como a hora da prática, cresce no âmbito acadêmico, na década 1990, a discussão sobre a necessidade de uma formação de professores fundamentada na relação teoria e prática. Nessa perspectiva, a prática no estágio se realiza com fundamento na ação docente e o professor é reconhecido como um intelectual transformador. Essa ação refere-se a participação, ao planejamento do educador na construção da sua prática, que por sua vez, ultrapassa as técnicas do saber da sala de aula e entende a escola como uma construção cultural e social fazendo dela também palco do ensino e da aprendizagem. A teoria se torna parte essencial na construção da ação e do conhecimento, pois é ela que oferece a luz, os instrumentos e a reflexão necessária para criação e questionamento da prática docente.

Desse modo, com a finalidade de superar a dicotomia entre teoria e prática, Pimenta (1994) introduz o conceito de práxis, que se compõe da relação intrínseca entre as duas vertentes. O estágio então, segundo essa autora, deixa de ser apenas atividade prática e se torna teoria instrumentalizadora da práxis, capaz de atuar na compreensão e modificação da realidade, seja ela



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

escolar ou não. Com essa visão estabelecida, o estágio como pesquisa começou a se consolidar nos cursos de formação.

Essa forma de estágio vê a escola como um espaço dinâmico e diverso, permeado de falhas e potencialidades que são moldadas pela participação dos sujeitos que a compõem. A escola então, se configura como um espaço cheio de particularidades, mesmo mantendo estruturas físicas e pedagógicas semelhantes umas com as outras. Devido a essas particularidades, o espaço escolar se torna um *locus* de pesquisa para o estagiário, onde lhe é dada a possibilidade de verificar as dificuldades e os problemas que determinada escola enfrenta, mas ao mesmo tempo evidenciar o trabalho positivo que esta produz junto à comunidade a que pertence. Para isso, são elaborados projetos que lhes permitem compreender, problematizar e criar propostas para a intervenção no espaço escolar pesquisado, deixando de lado a crítica vazia.

Com pressuposto na pesquisa, o futuro professor se torna reflexivo, ou seja, ele se utiliza das perspectivas de análise da teoria para refletir sobre o contexto histórico, político, econômico e social do espaço escolar e de sua própria ação docente. Mas essa reflexão não pode ocorrer por si só, é necessário que se atribua uma compreensão crítica do mundo, para que o estagiário torne-se emancipado intelectualmente e produza o seu próprio conhecimento sobre a escola, sobre a prática e sobre a sociedade como um todo. Desse modo, o estágio que forma o professor e a professora como pesquisadores, críticos e reflexivos não precisa estar delimitado a apenas uma disciplina no final do curso, ele deve ser incorporado junto a outras disciplinas consideradas mais específicas a ciência de cada curso.

Seguindo essa linha de estágio, a pesquisa ultrapassa as vias acadêmicas e chega à escola, desvendando suas fragilidades e potencialidades nos mais diversos aspectos e sendo utilizada na sala de aula para construir conhecimentos. Por isso, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) afirmam que a pesquisa deve ser assumida por professores e por alunos como atitude cotidiana, visto que, se compreende em uma prática essencial para a compreensão dos processos de aprendizagem e desenvolvimento pessoal, contribuindo na busca de autonomia e na interpretação da realidade.

Através do estágio como pesquisa os professores e professoras em formação tem a oportunidade de conhecer a fundo o chão da escola, bem como, compreender e em certo momento contribuir com o ensino e a aprendizagem, se formando e ajudando a formar pessoas para a vida. O ensino de Geografia, de acordo com as concepções de Callai (2001), por estudar as relações entre o homem e o espaço vai trazer ao ensino o debate sobre a influência e as consequências das relações



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

humanas sobre o mundo, transformando e criando cidades, campos, culturas e sociedades. Essas relações estão expostas cotidianamente, seja nos momentos vividos dos alunos e professores ou acompanhados pelas mídias digitais, fazendo com que as discussões nos espaços escolares sejam (ou deveriam ser) mais diretamente relacionados com vidas desses personagens escolares, potencializando a influência dessa disciplina na construção do ser reflexivo, crítico e, sobretudo, pesquisador.

Ciente desse papel social que o ensino de Geografia possui no espaço escolar, o Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III se apresentou como uma contribuição ao ensino, a aprendizagem e a valorização das múltiplas culturas escolares, visto que, a E.E.F.M Patronato Sagrada Família, espaço investigado durante a pesquisa, é marcada por registros da religião católica tanto em suas imediações como em seus rituais escolares diários, em especial pelas imagens de Nossa Senhora das Graças distribuídas inclusive pelas salas de aulas e pela presença de uma capela, que ganha centralidade na escola por ser palco de encontros, sempre a primeira sexta-feira do mês, voltados a reflexão sobre a vida e a palavra de Deus. Além desses, os momentos de acolhimento diários que são evolvidos por momentos de orações e adoração a Maria fazem parte das representações da cultura apresentada ou imposta pela escola. Entretanto, Forquin (1993) adverte que além da cultura da escola é necessário considerar, respeitar e dá liberdade às múltiplas culturas trazidas a este ambiente por alunos e professores, pois a convivência diária pode gerar conflitos, e Cavalcanti (2012) aponta o ensino de Geografia como mediador desse encontro e confrontos que aqui se dão.

Ao concordar com o posicionamento de Cavalcanti (2012), resolvemos com a colaboração da professora de Geografia em atuação nas turmas acompanhada trabalhar com o teatro em sala de aula para dar voz aos alunos e promover momentos de reflexão social, seja em escala local ou global. O teatro é arte, e a arte, junto a educação, é uma forma de promover a compreensão da produção cultural dos sujeitos como expressões singulares, registros linguísticos pessoais em permanente conversa com diferentes tempos e espaços (LEITE, 2011).

Desse modo, o teatro pode se fazer facilitador da compreensão crítica da escola, do bairro e do mundo. Mas para isso é necessário em primeira instância compreender a própria escola como um espaço teatral, onde sua estrutura física se estabelece como o palco, enquanto os alunos, os professores, e a gestão se configuram como principais personagens. O enredo se constrói a partir do cotidiano escolar, dos rituais ali praticados, das dificuldades encontradas, dos conflitos



resultantes do não cumprimento de regras e dos confrontos culturais estabelecidos pela carga cultural que cada personagem traz para aquele espaço.

Sendo assim, de modo mais específico, a relação professor e aluno dentro da sala de aula corresponde a um dos principais palcos encontrados na escola, visto que pessoas comuns assumem papéis distintos e ao mesmo tempo complementares, ao passo que se encontram naquele ambiente para construir um só conhecimento. Entretanto, ao sair da escola, passam a ser pessoas comuns, componentes da sociedade que exercem influência um sobre o outro, mas que em muitos casos mal se conhecem proximamente.

Portanto, ampliar a compreensão de teatralidade para o espaço cotidiano faz com que em sala de aula os alunos possam produzir teatro de uma forma mais simples, visto que a própria escola já se coloca como um espaço teatral de aprendizagem. Então, aproveitar os momentos de regência para possibilitar o conhecimento geográfico e social do mundo a partir do Teatro se fez ainda mais relevante, a fim de proporcionar aos alunos momentos de aprendizado lúdico, criativo, crítico, com a libertação cultural e artística de suas identidades. No próximo tópico serão apresentadas as potencialidades do teatro junto ao ensino de Geografia, bem como ocorreram as atividades realizadas na escola.

A GEOGRAFIA ATRÁVES DO TEATRO: UM CAMINHO PARA APRENDIZAGEM

Para se pensar e construir teatro é necessário inicialmente compreender a sua função em relação ao momento histórico da sociedade. Peixoto (1983) considera que o teatro é apenas um produto de aparência autônoma, pois segundo ele, o que se transforma na vida social e real dos homens é o que determina as modificações nas concepções filosóficas e conseqüentemente, as modificações nas representações artísticas. O que não significa dizer que o teatro não tenha sentido enquanto instrumento de transformação da sociedade, pelo menos não diretamente ao processo de transformação social, mas sobre os homens, que são os verdadeiros agentes dessa mudança.

Desse modo, o teatro torna-se um importante recurso artístico no processo educativo de crianças e adolescentes, visto que a partir de tal representação, os alunos podem refletir criticamente e propor soluções sobre múltiplos temas, podendo ser utilizados nas mais diversas disciplinas escolares, principalmente na Geografia, pois de acordo com Passini (2007), o professor de Geografia deve fugir da Geografia descritiva e passar a discutir os fatores e acontecimentos sociais



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

a partir de uma visão analítica e crítica, promovendo circunstâncias em que o aluno possa ampliar seu conhecimento, tornando-se investigador.

O teatro junto ao ensino de Geografia possibilita a formação do aluno pesquisador, ao oferecer a ele a oportunidade de pesquisar geograficamente determinada temática e fazer dela uma arte, a qual discute a ação do homem dentro do espaço. Além disso, para Bula e Aguiar (2009) o teatro é uma forma do aluno compreender melhor o conteúdo, considerando que este não o devora de uma vez só, mas o aprende gradualmente, podendo também relacioná-lo com o cotidiano e acrescentar nele a sua linguagem, facilitando o processo de aprendizagem. Ainda de acordo com esses autores, essa aprendizagem parte do individual para o coletivo, pois o teatro é uma arte social tanto antes quanto durante a apresentação que estimula o trabalho em equipe, entre os alunos e junto ao professor. Por isso, o teatro também é seriedade por mais lúdico que pareça o processo, e o professor deve se pôr como incentivador e mediador da produção teatral a fim de promover a participação de todos, dando segurança até aos mais inibidos.

Desgranges (2005) traz a essa discussão a importância da linguagem e dos elementos de significação presentes na apresentação teatral, pois segundo ele não só a linguagem falada, mas os gestos, a sonoridade, os figurinos, os objetos cênicos são essenciais para formação da história contada e da mensagem repassada durante a apresentação, pois para o autor é esse conjunto complexo de signos que promoverá a participação e o aprendizado da plateia. Entretanto, Bula e Aguiar (2009) apostam na flexibilidade de realização do teatro para promovê-lo em sala de aula, pois para elas “o teatro não precisa de palco, cortina, iluminação ou maquiagem, se uma pessoa conta uma história para a outra, que se envolve e se emociona, temos a essência do teatro” (BULA e AGUIAR, 2009, p. 5). Nesse sentido, o teatro pode ser utilizado nos mais diversos contextos escolares, considerando as precárias instalações que a maioria das escolas públicas brasileiras apresentam.

Por isso, o papel da imaginação deve ser crucial para a formulação do teatro, e deve estar presente de acordo com Desgranges (2005), desde o início da criação do roteiro da peça teatral até a apresentação para que ocorra a formação de um jogo de relações e interpretações entre os atores e o público. Quanto ao público ouvinte e observador, o mesmo aponta que essa apreciação teatral também deve partir de uma análise artística, de um conhecimento cultivado e desenvolvido pelo espectador para que este junto ao criador possa somar e construir um mesmo saber artístico. Desse modo, ao associar essa declaração ao teatro realizado em sala de aula, é notória a importância de um trabalho de pesquisa e conhecimento do assunto aplicado na peça, não só pelo grupo que irá se



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

apresentar, mas também dos alunos que formarão a plateia, a espera de uma inversão dos papéis. Assim, o conhecimento compartilhado por toda a turma proporcionará um melhor aprendizado cultural, social e geográfico como o que foi pretendido neste estágio.

Nesse sentido, trabalhar com esse aplicativo didático neste estágio se tornou essencial ao perceber os benefícios que o teatro proporciona para a educação e mais especificamente para o ensino de Geografia, pois como Bula e Aguiar (2009) apontam, o teatro se constitui da soma dos estudos, planejamento e trabalho em equipe, envolvendo tanto o caráter prático dos alunos quanto sua disponibilidade emocional para vivenciar uma realidade que não é (mesmo sendo) a deles, e por isso foi escolhido aqui como aplicativo didático para as regências.

Considerando as explanações apresentadas pelos autores citados, se configurou dentro dos momentos de regência a aplicação do Teatro, empregado como resultado de uma sequência de aulas relacionadas ao tema “África: marcas do passado, desafios do presente” apresentado no capítulo 10 do livro didático intitulado “Geografia: um olhar sobre o espaço mundial”. Pautado então nas discussões relacionadas aos aspectos naturais, históricos, econômicas, políticas e culturais da África realizadas em sala de aula, foi solicitado que o teatro apresentado pelos alunos tomasse destaque as relações entre Brasil e África, devido a necessidade de se desmistificar o pensamento eurocêntrico de que só os europeus contribuíram positivamente para a formação do povo brasileiro e assim, a cultura, a religião puderam ser exaltados nesse processo.

Nesse sentido, em primeira instância foram realizadas aulas expositivo-dialogada com o intuito de apresentar e discutir a temática. Em seguida, já com as equipes divididas, foram confeccionados textos que expressavam o seus entendimentos sobre as relações entre África e Brasil. A partir desses textos, que foram revisados e discutidos em sala de aula, as equipes foram para o próximo passo, a construção do roteiro, na qual as dúvidas quanto a estrutura e forma de organização foram esclarecidas nos momentos de orientação nos momentos de intervalo e através das redes sociais.

Os alunos precisaram esclarecer em suas peças os momentos históricos, os aspectos ambientais e referências culturais, aspectos sociais e econômicos do ambiente e dos personagens que criaram. Da mesma forma, puderam caracterizar-se e produzirem um cenário, com músicas e/ou danças para compor suas apresentações, visto que a escola dispõe de um pequeno auditório onde foram realizadas as apresentações que poderia durar no máximo 20 minutos e estavam livres para trazer cenário e músicas. Se o auditório estivesse indisponível ou não existisse, as peças poderiam ser apresentadas em proporções menores.



Nesse contexto, a turma do 9ºA primeira a apresentar o teatro, formou quatro equipes, mas só três apresentaram. A primeira equipe optou por representar o escravismo no Brasil através de um romance proibido entre uma filha de um senhor de engenho e um escravo que ultrapassa o tempo, deixando a marca do preconceito racial de seus antepassados nas pessoas de hoje, por isso a última cena mostra o mesmo personagem negro que era escravo no século XVIII, sofrendo racismo na escola do século XXI. Além disso, traz no decorrer da história a capoeira e danças de origem Africana a fim de mostrar a cultura trazida pelos escravos. A imagem abaixo mostra uma das cenas:

TEATRO - 9ºA



Fonte: SILVA, Maria Aurislane Carneiro da. 2017

A segunda equipe focou sua representação no sofrimento do escravo ao ser comercializado e mostra ao longo de toda história as agressões sofridas por eles. Já a terceira e última equipe trouxe o racismo observado em seus cotidianos, através de duas cenas em que a primeira representou duas mulheres andando pela rua mexendo no celular, quando encontram um homem negro vestido com roupas largas e boné de aba reta, ao ver a sua aproximação, as mulheres pensam que é um assalto e com medo guardam o celular, mas na verdade o homem só queria pedir informação. A outra cena representa duas mulheres brancas em um restaurante que se recusam a sentar próxima da mesa onde se encontra uma mulher negra. Em meio a discussões as mulheres brancas acreditam que a mulher negra não pode estar no mesmo espaço que elas pois se consideram superiores. Após uma reflexão crítica sobre o racismo todos dançam uma música de influência africana e americana.

Em relação as outras turmas das seis equipes formadas, apenas quatro apresentaram: uma do 9ºC e as três equipes do 9º B. A equipe do 9ºC, é composta por alunos considerados os mais indisciplinados da turma, e representaram o preconceito racial através de uma falsa acusação de roubo feita por um homem branco a dois homens negros vestidos com roupas largas e bonés de



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

aba reta, dentro de um supermercado, e ao final também apresentaram uma reflexão contra o racismo. Uma das cenas apresentadas pode ser vista na imagem abaixo:

TEATRO-9°C



Fonte: SILVA, Maria Aurislane Carneiro da. 2017

Como a maioria da turma não apresentou o Teatro, solicitamos que os alunos fizessem um desenho como o mesmo tema (relação Brasil e África) e a maioria deles assim como as peças teatrais destacavam situações de preconceito racial, como podemos ver na imagem abaixo:

DESENHO - 9°C



Fonte: SILVA, Maria Aurislane Carneiro da. 2017

. A primeira equipe do 9º B, também preferiu falar sobre o racismo, porém a partir de um romance proibido entre dois jovens o contexto atual. A segunda equipe preferiu apresentar apenas a capoeira e a última equipe preferiu apresentar uma poesia. Mas o importante é que todos participaram e pensaram sobre a atividade.

Após ver todas as apresentações, elencamos os principais pontos que foram representados pelas equipes em cada turma e junto aos alunos pudemos refletir sobre tais temas. Dentre eles, como podemos perceber, a escravidão, o racismo e registros culturais e religiosos da relação Brasil e África. Embora a maioria das apresentações façam referência ao período da colonização brasileira, relembrando a escravidão como marco principal da participação negra na formação da população, é interessante ver o racismo sendo apresentado como consequência desse



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

processo e sendo exposto criticamente em cenas de seus cotidianos seja na escola, na família ou na rua.

Essas situações que infelizmente ainda são corriqueiras na sociedade, são as que mais revelam as contradições e desigualdades sociais, bem como os estereótipos criados em relação a população negra, que sempre é retratada como pobre e moradora de periferia. Um exemplo disso foi o figurino utilizado pelos alunos, que consistiam em roupas largas e bonés de aba reta, que para eles (assim como para muitas pessoas) representam uma ameaça. Essas pessoas passam a ser classificadas como possíveis criminosas, principalmente se forem negras, mostrando o fruto de um estereótipo que estabelece um padrão em modo de vestir e de comportamento entre as classe mais abastadas e menos abastadas, sendo que são nas áreas mais pobres da cidade onde os problemas sociais e econômicos são mais evidentes e revertidos em violência, portanto, o modo de vestir dessas pessoas são associados nesse processo.

Discutir essas questões na escola são essenciais para a formação de uma sociedade com consciência social, política, cidadã e menos preconceituosa. Além disso, exaltar a cultura e a religião africana contribui para essa formação e dá aos alunos no espaço escolar, marcado pela religião católica, a liberdade de se expressar enquanto praticante e discutir, conhecer outras expressões, fazendo da escola um espaço plural em sua verdadeira face. Compreendemos, porém, que essa foi uma intervenção pontual e que precisaria ser apropriada como atitude cotidiana para resultados de maior efetividade, mas gerar a discussão e contribuir de forma lúdica para o ensino e aprendizagem em Geografia já são importantes contribuições para a educação nessa escola. Contudo, acreditamos que a aplicação do teatro obteve resultados positivos perante a aprendizagem dos alunos.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

A realização do Teatro através das relações África e Brasil refletida e representada pelos alunos, demonstrou além de um momento lúdico e cultural, o aprendizado crítico que os mesmos tiveram ao retratar o escravismo, o preconceito racial oriundo dele e repercutido diariamente em seus cotidianos bem como da importância da cultura que os povos africanos trouxeram de sua terra e contribuíram para construir a cultura brasileira. Desse modo, embora algumas equipes dentre as três turmas de 9º acompanhadas não terem apresentado, acreditamos que os resultados foram positivos, visto que mesmo não representando uma história, os alunos



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

participaram do processo de aprendizagem enquanto plateia e através de suas participações ao longo das aulas regidas.

Utilizar o Teatro como aplicativo didático é uma maneira interessante de construir o conhecimento e pode sim, ser escolhido como ferramenta de ensino e aprendizagem por professores dos mais diversos contextos sociais. No entanto, é necessário entender que as dificuldades estruturais, organizacionais e até mesmo a falta de espaço e tempo para as mais diversas atividades educacionais existem nas mais diversas escolas públicas brasileiras, e junto a isso, o não reconhecimento financeiro e social do (da) professor(a) pelos órgãos governamentais prejudicam a atuação desses profissionais no ambiente heterogêneo e multicultural que compreende a escola.

Porém, nesse estágio tivemos o prazer de encontrar uma professora que nos deu toda a liberdade para trabalhar com suas turmas e que não perdeu a sua vontade de lutar por uma educação de qualidade. É reconfortante encontrar diante desse quadro desolador da educação atual, educadores preocupados com a formação intelectual, crítica e social de seus alunos, que procuram se libertar das amarras do livro didático e buscam das mais diversas formas possíveis construir um conhecimento diferenciado junto aos seus alunos.

Portanto, se faz essencial buscar sair da rotina, mesmo que com coisas simples que não precisem de tanto espaço mas que possam motivar os alunos a gostar e a aprender Geografia, pois como Oliveira (2011) aponta, se continuamos enquanto professores realizando trabalhos artesanais reduzidas a instruções, apresentadas muitas vezes pelo livro didático, qualquer profissional poderá tomar o lugar do professor em sala de aula

REFERÊNCIAS

BURLA, Gustavo. AGUIAR, Valéria Trevizani Burla de. **O Teatro e o Ensino de Geografia**. In: 10º ENG. 2009.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**. São Paulo, n. 16 p. 133-152, 1º semestre/2001

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola. Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico**. Campinas-SP: Papirus, 2012.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 6ª Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

DESGRANGES, Flávio. **Quando teatro e educação ocupam o mesmo lugar no espaço**. Caminho das Artes. São Paulo: Secretaria da Educação, 2005.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993

GHEDIN, Evandro. A pesquisa como eixo interdisciplinar no estágio e a formação do professor pesquisador-reflexivo. **Olhar de professor**, v. 7, n. 2, 2004.

KULCSAR, Rosa. O estágio supervisionado como atividade integradora. *In*: IVANI, Catarina Arantes Fazenda; STELA C, Bertholo Piconez. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 2ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

OLIVEIRA, Chistian Dennys Monteiro de. Para pensar cultura escolar a partir da periferia globalizada. *In*: NUNES, Flaviana Gasparotti. **Ensino de geografia**: novos olhares e práticas. (Org) Dourados, MS : UFGD, 2011. Pag. 129 à155.

PASSINI, Elza Yasuko. **Práticas de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. 2. Ed. 2. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.

PEIXOTO, Fernando **O que é teatro?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática?. São Paulo: Cortez, 1994.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LEITE, Maria Isabel. Educação e as Linguagens Artístico-Culturais: processos de apropriação/fruição e de produção/ criação. *In*: FRITZEN, Celdon. MOREIRA, Janine. **Educação e Arte**: as linguagens artísticas na formação humana. (org). 2ªed. Campinas,SP: Papirus, 2011.

PONTUSCHKA, PAGANELLI E CACETE. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1º Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

